

## Presente de grego\*

Teresinha V. Zimbrão da Silva  
[ariel@ichl.ufjf.br](mailto:ariel@ichl.ufjf.br)  
Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura, UFJF

Quando Machado de Assis publicou em 1904 o seu *Esau e Jacó*, a Grécia há algum tempo já habitava de novo a literatura brasileira. De fato, desde as primeiras manifestações do Parnasianismo no final do século XIX, o prestígio dos Deuses do Olimpo, que tinha se eclipsado durante o Romantismo, reacendeu triunfante e assim veio a permanecer até a guerra de 1914, pelo menos.

Nenhum escritor podia considerar-se verdadeiramente culto se não citasse os helenos. Deles usou e abusou o entusiástico Coelho Neto. E também Olavo Bilac, João do Rio e Monteiro Lobato, dentre muitos outros.

Em resposta a Mário de Alencar e ao seu projeto de escrever um poema sobre Prometeu, Machado de Assis comentava em carta de 1908 que relera por aqueles dias o *Prometeu e o Fedon*, concluindo então “veja como ando grego, meu amigo”<sup>1</sup>.

Ora, segundo o crítico Brito Broca, “essa mania da Grécia (...) era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação da mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais”<sup>2</sup>.

Lembremos que, no Brasil da *Belle Époque*, a mestiçagem era considerada um fator de decadência. O espelho a ser mirado era o do branco europeu, a imagem que então se queria ver era a do embranquecimento da sociedade brasileira. Daí talvez o

---

\* Este trabalho foi apresentado no XII Congresso da FIEC, Ouro Preto, agosto de 2004.

<sup>1</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997, vol. III, p. 1086.

<sup>2</sup> BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 105.

empenho da grande maioria dos escritores da época em adotar literariamente a condição de grego. Imaginando-se como europeus, defendiam-se contra a suposta decadência da mestiçagem.

Monteiro Lobato em carta de 1908 a Godofredo Rangel, comunicando-lhe que estava a ler Homero, escrevia: “Estive uns dias no Rio. Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter”. E ainda: “Que diferença de mundos! Na Grécia, a beleza; aqui a disformidade. Aquiles lá; Quasímodo aqui”. Concluía: “Como consertar essa gente? Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu”<sup>3</sup>.

Em carta a José Veríssimo, Joaquim Nabuco fazia o seguinte protesto contra o fato de se chamar Machado de Assis de mulato: “A palavra não é literária, é pejorativa (...). Eu pelo menos vi nele o grego”<sup>4</sup>.

Lembremos ainda que o helenismo representou, dentro do Parnasianismo brasileiro, uma verdadeira *torre de marfim* onde os escritores podiam se refugiar das “disformidades” da realidade local. Lá do alto, esta Grécia contemplava com olhar superior o Brasil logo embaixo, tão próximo e tão distante.

Ora, um tal distanciamento não acontece em *Esaú em Jacó*. Realidade local e Grécia se confundem no romance. Pois vejamos.

Consideremos a primeira referência então aos helenos: esta comparece logo nas páginas iniciais, quando, o narrador, a propósito de uma consulta por parte de um de seus personagens ao oráculo de uma popular adivinha, cita outras páginas que também narram uma consulta oracular: as da tragédia de Ésquilo, intitulada *Eumênides*. Eis a

---

<sup>3</sup> LOBATO, Monteiro. Citado por BROCA, op. cit., 1975, p. 107.

<sup>4</sup> NABUCO, Joaquim. Citado por BROCA, op. cit., 1975, p. 106.

citação machadiana: “Relê Ésquilo, meu amigo, relê as Eumênides, lá verás a Pítia, chamando os que iam a consulta...”<sup>5</sup>.

Notemos que Machado de Assis coloca então, em surpreendente convivência, os dois oráculos: o clássico e o prosaico. Em atitude contrária à dos demais escritores do período, que preferiam o distanciamento da realidade local, Machado, ao citar a tragédia no romance, coloca a tradição helênica com o seu puro colorido sublime para conviver “cá embaixo” com a modernidade brasileira e suas mestiças cores “vulgares”.

De fato, em *Esau e Jacó*, o respeitável oráculo da sacerdotisa Pítia de Delfos convive com o suburbano oráculo de uma popular adivinha do Morro do Castelo, sobre a qual o narrador acrescenta o importante detalhe de tratar-se de uma cabocla. Notemos que Machado reencena, nos tempos modernos, o tema clássico da consulta oracular e seleciona justamente uma *mestiça* - uma *cabocla* - para no aburguesado palco brasileiro representar, como a adivinha do Morro do Castelo, o clássico papel da *grega* Pítia de Delfos.

Lembremos que Joaquim Nabuco recusava-se a ver no amigo o mulato para só ver o grego. Pois o Bruxo do Cosme Velho, já nestas páginas iniciais do romance, com a sua “pitonisa” cabocla alcançou conciliar ambas as imagens, a “pejorativa” do mulato e a literária do grego – imagens que para o amigo e muitos outros eram inconciliáveis.

Pois esta convivência de valores, a princípio tão contrastantes, teria produzido no “pensamento grego” do romance um “sentido irônico”, já notado pelo crítico Eugênio Gomes que, a respeito, escreveu:

os reflexos do pensamento grego em *Esau e Jacó* adquirem, às vezes, um sentido entre irônico e humorístico (...) será lícito afirmar que o romance envolve uma sátira sutil, mas sátira, à preamar de idéias, imagens e comparações gregas com que a nossa literatura foi inundada no começo deste século?<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit., 1997, vol. I, p. 948.

<sup>6</sup> GOMES, Eugênio. O Testamento Estético de Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS, op. cit., 1997, vol. III, p. 1100.

Ora, o peculiar helenismo machadiano, destoando dos demais escritores brasileiros do período, justifica, portanto, a interpretação de “sátira sutil” (ou *presente de grego*), da parte de Machado de Assis, à “mania da Grécia” durante a *Belle Époque*.

Além do isolamento na torre de marfim, um outro aspecto desta “mania” era o próprio exagero: citações a todo instante. A este respeito comenta Brito Broca: “a Grécia triunfou plenamente em nossas letras... Alguns citavam-na a cada passo (...). Era geralmente uma Grécia de cartolina, puramente decorativa.”<sup>7</sup>

Na verdade não só a Grécia era por demais citada, também o era Roma. Afinal, o Parnasianismo brasileiro, prolongando-se até as vésperas da Semana de Arte Moderna, alimentou um intenso culto aos clássicos da Antigüidade tanto grega quanto romana. Mas como comenta Brito Broca, a “mania” dos clássicos resultou em decoração superficial na grande maioria dos casos.

Pois além de “satirizar” esta “mania”, de modo implícito, em *Esau e Jacó*, Machado de Assis já a havia ironizado explicitamente em outros escritos. Tomemos o texto “Teoria do Medalhão”. Lembremos que temos então um diálogo, onde um pai ensina ao filho a construir a aparência de intelectualidade, ao mesmo tempo convencendo-o de que esta era uma condição necessária para ser bem sucedido na sociedade brasileira da *Belle Époque*. Dentre os conselhos que o pai dá então ao filho, sublinhamos a parte importante relativa à citação dos clássicos com o fim de decorar o estilo:

podes [diz o pai] empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras (...). Sentenças latinas (...), versos célebres (...) é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos (...) [e também] para fecho de artigos políticos. (...). Não [o]s relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> BROCA, op. cit., 1975, p. 102.

<sup>8</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit., 1997, vol. II, p. 291.

Notemos que o conselho é para citar os clássicos a partir de uma relação feita pelo pai, sem que seja necessário que o filho os tenha lido. O que se torna explícito mais adiante, quando o pai acrescenta: “o método de interrogar os próprios mestres (...) [é] tedioso e cansativo.”<sup>9</sup> Ora, para compreendermos o quanto Machado de Assis está sendo irônico com este conselho “medalhístico” dado pelo seu personagem, basta recorrermos à sua crítica literária onde aconselhou exatamente o contrário: “Feitas as exceções devidas não se lêem muito os clássicos no Brasil (...) não se lêem o que é um mal.”<sup>10</sup>

Também Lima Barreto ironizou a superficialidade da “mania” dos clássicos. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o narrador atribui então a um personagem, que é doutor, toda uma intelectualidade de aparência, descrevendo-o assim:

O seu último truc intelectual era este do clássico. Buscava nisto uma distinção, uma separação intelectual desses meninos que por aí escrevem contos e romances nos jornais. Ele, um sábio, e sobretudo, um doutor, não podia escrever da mesma forma que eles. A sua sabedoria superior e o seu título “acadêmico” não podia usar da mesma língua, dos mesmos modismos, da mesma sintaxe que esses poetastros e literatecos. Veio-lhe então a idéia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, quão grande ou tão grande por quamanho, sarapintava tudo de ao invés, empós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.<sup>11</sup>

Esta “mania dos clássicos” no Brasil da Belle Époque proliferou tanto na metrópole quanto na província. Por esta época, Juiz de Fora foi até denominada “Athenas Mineira”. A intenção era elogiar a cidade por sua vida cultural, comparando-a com a mais culta cidade grega.

Lembremos o dado importante de que esta província não se pensava tão provinciana assim. Juiz de Fora era considerada então a capital cultural do Estado de

---

<sup>9</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit., 1997, vol. II, p. 292.

<sup>10</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit., 1997, vol. III, p. 809.

<sup>11</sup> BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1996, p. 137.

Minas Gerais, a sua cidade mais culta e civilizada – e portanto a própria “Atenas Mineira”. Tanto era assim que ao contrário do que acontecera com as demais Academias de Letras, a de Minas não fora fundada na capital do Estado e sim em Juiz de Fora. Por esta época, residiam na cidade intelectuais do porte de Sílvio Romero que veio a denominar Juiz de Fora de “Europa dos Pobres”. O crítico queria “significar com este dito”, que do lado de cá do Atlântico, nas “doçuras do clima” de Juiz de Fora, aqueles que não traziam as “algibeiras recheadas” poderiam gozar de prazeres culturais e climáticos semelhantes aos das “capitais européias d’além-mar”.<sup>12</sup>

Pois esta “Atenas Mineira” também cultivava os clássicos. Maraliz Christo comenta que muitos escritores da *Belle Époque* juizforana eram reconhecidos por seu suposto conhecimento da língua latina. Sobre um destes, ela recorta o seguinte comentário: “em matéria idiomática [era] dado a exumar dos clássicos vocábulos vetustos, raros, extravagantes, que o levaram para o anedotário estudantil.”<sup>13</sup>

E se na metrópole coube, sobretudo, a Machado de Assis e Lima Barreto ironizar a superficialidade da “mania” dos clássicos, na província de Juiz de Fora sobrou para o jovem cronista Murilo Mendes. De fato, em crônica escrita para o jornal juizforano *A Tarde* de 28 setembro de 1920, o jovem cronista comentava:

Passava na rua um bacharel que na véspera fizera sua estréia na tribuna, e que, depois de haver citado (,,) o rapto das Sabinas, Prometeu, a batalha das Thermopylas, (...) e o Código Civil, pedira, num assomo de inspiração sublime, a liberdade do réu.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> ROMERO, Sílvio. Prefácio. In: ESTEVES, Albino. *O Teatro em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Typ. Do Pharol, 1910, p. 11.

<sup>13</sup> CHRISTO, Maraliz C. V. *Europa dos Pobres*. Juiz de Fora: EDUFJF: 1994, p. 39.

<sup>14</sup> MENDES, Murilo. *Chronica Mundana*, 28 de setembro de 1920. In: PEREIRA, Maria Luiza Scher; SILVA, Teresinha V. Zimbrão da (organizadoras). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes & Chronicas mundanas e outras crônicas: as crônicas de Murilo Mendes*. Juiz de Fora: UFJF, 2004, p. 144.

Um personagem então exclama indignado: “Aquele bacharel é uma cavalgada/ (...). Não devia haver baixaréis”.<sup>15</sup> O cronista irônico conclui:

Não tens razão (...). Aquele homem está em pleno gozo de seus direitos. Veio ao mundo para espetar o dedo no ar, exibindo um rubi medíocre, para dizer algumas séries de asneiras, e para viver de um modo mais ou menos confortável. Ele não está cumprindo estas funções?/Está. (...) De resto, um bacharel ordinário.<sup>16</sup>

A ironia ao pedantismo das citações clássicas do bacharel, consideradas pelo cronista como “séries de asneiras”, é explícita.

Em suma, a cultura clássica no Brasil da *Belle Époque* constituiu-se como cultuada “mania” tanto pelos poucos que a conheciam, quanto pelos demais cujo conhecimento era superficial.

Pois finalizo este trabalho com um conselho dado por Machado de Assis àqueles que cultuavam uma outra “mania”, a “mania” positivista da ciência – conselho que parece pertinente também à “mania” dos clássicos. Dizia então o Bruxo do Cosme Velho:

Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de se mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> MENDES, op. cit. , 2004, p. 144.

<sup>16</sup> MENDES, op. cit. , 2004, p. 145.

<sup>17</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit. , 1997, vol. III, p. 836.